

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LINGUAGEM DA CRIANÇA COM TEA
EM AMBIENTE BILÍNGUE: APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS EUROPEU**

**ASPECTOS MORFOSINTÁCTICOS DEL LENGUAJE DE NIÑOS CON TEA EN UN
ENTORNO BILINGÜE: APRENDIZAJE DEL PORTUGUÉS EUROPEO**

**MORPHOSYNTACTIC ASPECTS OF LANGUAGE IN CHILDREN WITH ASD IN A
BILINGUAL ENVIRONMENT: LEARNING EUROPEAN PORTUGUESE**



Lorena Grace Alves do VALE¹
e-mail: lorenagadvale@gmail.com

Como referenciar este artigo:

VALE, L. G. A. Aspectos morfossintáticos da linguagem da criança com TEA em ambiente bilíngue: aprendizagem do português europeu. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 11, n. 00, e025017, 2025. e-ISSN: 2447-3529. DOI: 10.29051/el.v11i00.18522



| Submetido em: 17/03/2024
| Revisões requeridas em: 13/04/2024
| Aprovado em: 05/07/2025
| Publicado em: 27/12/2025

Editores: Prof. Dr. Ivair Carlos Castelan
Profa. Dra. Rosangela Sanches da Silveira Gileno
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife – PE – Brasil. Doutora em ciências da linguagem. Profa. do departamento de fonoaudiologia UFPE.

RESUMO: A pesquisa tem como objetivo investigar os aspectos importantes da linguagem à nível morfossintático de uma criança brasileira, residente em Portugal, oito anos, que para além dos desafios enfrentados pelo transtorno de linguagem secundário ao TEA, constitui-se como sujeito. Apoiamo-nos na perspectiva aquisicional enunciativa de Silva (2009), que ancorada na teoria de Émile Benveniste, põe em relevo o modo singular das enunciações a partir da constituição do sujeito na/pela língua(gem). A metodologia utilizada foi estudo de caso, sendo os dados coletados de forma naturalística através de gravações domiciliares. Os resultados foram analisados após descrição dos vídeos possibilitando a discussão dos dados empíricos e concluímos que, embora encontremos alterações nas produções enunciativas da criança, cada ato enunciativo revela o movimento do sujeito entre deslizes na linguagem em processo de aquisição do português brasileiro e europeu, contradizendo a literatura do TEA que destaca a rigidez na linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Autismo. Morfossintaxe. Enunciação. Bilinguismo.

RESUMEN: La investigación tiene como objetivo presentar aspectos importantes de la adquisición y desarrollo del lenguaje en el nivel morfosintáctico de un niño brasileño, de ocho años, varón, diagnosticado con TEA e insertado en el contexto bilingüe del aprendizaje del portugués europeo. Nos basamos en la perspectiva de adquisición enunciativa de Silva (2009), que, anclada en la teoría de Émile Benveniste, destaca el modo singular de las enunciaciones basadas en la constitución del sujeto en/a través del lenguaje. La metodología utilizada fue un estudio de caso, con datos recolectados de forma naturalista a través de grabaciones domiciliarias. Los resultados fueron analizados luego de describir los videos, permitiendo la discusión de datos empíricos y concluimos que, si bien encontramos cambios en las producciones enunciativas del niño (subversiones, omisiones y adiciones morfosintácticas) cada acto enunciativo revela el movimiento del sujeto entre deslices en el lenguaje en el proceso de adquisición del portugués brasileño y europeo, contradiciendo la literatura sobre TEA que destaca la rigidez del idioma.

PALABRAS CLAVE: Idioma. Autismo. Morfosintaxis. Enunciación. Bilingüismo.

ABSTRACT: The research aims to present important aspects of language acquisition and development at the morphosyntactic level of a Brazilian child, eight years old, male, diagnosed with ASD and inserted in the bilingual context of learning European Portuguese. We rely on Silva's (2009) enunciative acquisition perspective, which, anchored in Émile Benveniste's theory, highlights the singular mode of enunciations based on the constitution of the subject in/through language. The methodology used was a case study, with data collected in a naturalistic way through home recordings. The results were analyzed after describing the videos, enabling the discussion of empirical data and we concluded that, although we found changes in the child's enunciative productions (subversions, omissions and morphosyntactic additions) each enunciative act reveals the subject's movement between slips in the language in the process of acquisition from Brazilian and European Portuguese, contradicting the ASD literature that highlights the rigidity in the language.

KEYWORDS: Language. Autism. Morphosyntax. Enunciation. Bilingualism.

Introdução

O presente artigo pretende centrar-se nas questões que desvelam nuances do nível morfossintático no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem do sujeito diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e que, do ponto de vista da gramática normativa, podem ser consideradas como erros, aparições como omissões, subversões ou inversões de elementos, mas que inevitavelmente acabam por marcar o movimento do sujeito na linguagem, influenciados pela imersão em ambiente bilingue.

A metodologia da nossa pesquisa é do tipo estudo de caso e traz recortes da enunciação de uma criança brasileira em processo de aprendizagem de segunda língua — português europeu —, 8 anos de idade, sexo masculino, diagnosticado com TEA e residente da cidade do norte de Portugal com seus familiares. A imersão da criança no ambiente onde a língua oficial é o português europeu, havia iniciado há pouco mais de 6 meses quando o locutor se deparou com o momento presente e irrepetível da enunciação convocando e sendo convocado pelo locutor na instancia do aqui-agora do discurso. O contexto bilingue — onde os pais enunciam-se na língua portuguesa brasileira e demais habitantes da cidade em português europeu — marcou a constituição do sujeito nas línguas de forma heterogênea e cheia de estranhamentos.

A análise do material coletado foi realizada através das transcrições de vídeos pelo software *Nvivo* e procedimentos metodológicos assumidos a partir dos preceitos de Silva (2009), que inaugurou a perspectiva aquisicional enunciativa no campo da aquisição da linguagem. A instauração da criança na linguagem sob a concepção da autora, é embasada nos textos de Èmile Benveniste, que, em sua vasta bibliografia, teorizou sobre a linguagem de forma tão plural quanto singular, assim como as enunciações faladas e escritas da criança. A teorização da enunciação benvenistiana põe sob foco o caráter próprio da intersubjetividade na linguagem.

Tal como proposto por Silva (2009), nos atemos aos dois compromissos do campo da aquisição da Linguagem: teórico (interior da pesquisa) e empírico (dizer da criança); considerarmos como fundamental para tentar responder questões da significação articulada à própria noção de signo.

De acordo com o linguista, a enunciação oferece ao homem a experiência através do simbólico — que vai além do concreto —, sendo a língua o meio que permite dar a sua forma ao conteúdo do pensamento (Benveniste, 2005, p. 69). Acompanhamos Benveniste (2006) ao adotarmos a noção de enunciação como o ato individual, singular e irrepetível de utilizar a

língua, o que nos faz interessar pelo processo de atualização desse sistema em uso, não apenas o produto dela. O fato de ser um ato efêmero que se esvanece rapidamente, a enunciação depende de um espaço ou de um tempo próprio.

De acordo com Barros (2011a), os estudos sobre a linguagem no TEA foram influenciados pelas primeiras descrições do transtorno — ainda no ano de 1943 —, em que a linguagem era percebida unicamente como ato comunicativo. Porém, concordamos com Benveniste (2005) que a linguagem está na natureza do homem. A realidade da comunicação se dá por meio da palavra à serviço da linguagem.

A maneira singular da enunciação do autista nos ajuda a modificar o olhar clínico nos tratamentos multidisciplinares desses sujeitos, afinal, o modo como se relacionam com a língua e com a linguagem traz a peculiaridade do movimento linguístico no autismo. Assim, concordamos com Barros (2011b), que afirma ser incabível afirmar que o autista esteja fora da linguagem, mesmo que saibamos que há uma dificuldade na sua comunicação; é necessário relativizarmos o discurso da literatura especializada.

Temos como problematização precípua a questão se, de fato, é possível encontrar uma estrutura morfossintática singular ao processo de aquisição de linguagem no autismo, bem como devemos problematizar os deslocamentos, encontros e desencontros nas e pelas línguas portuguesa brasileira e europeia. Partimos das considerações de Barros e Nobrega (2016), que sugerem haver provável rigidez no eixo sintagmático da língua caracterizada por uma estrutura própria ao sistema linguístico no autismo, tornando o sujeito preso a um discurso de estrutura rígida e perseverante, e que estaria regendo sua dificuldade em deslizar no eixo associativo da linguagem.

Na primeira parte deste estudo, trazemos a criança diagnosticada com TEA como um sujeito enunciativo e, em seguida, tratamos da aquisição da linguagem. Essas sessões alicerçam nossas discussões sobre a organização morfossintática do sistema linguístico presente no enunciado da criança.

O sujeito que se enuncia

Trataremos nesta sessão do sujeito linguístico enunciativo, para, a partir dele, refletirmos sobre o sujeito autista que se enuncia e é anunciado na e pela linguagem. Esse sujeito

que não é o psicanalítico, mas aquele que se constitui na linguagem e na relação entre um eu e um tu, e se faz efeito — quase sempre — no discurso do outro.

Em uma perspectiva antropológica da linguagem, vide o excerto que não atingimos ao homem sem que não consideremos a sua linguagem e não o vemos nunca criando-a. Benveniste segue na missão de destituir a linguagem do papel de ferramenta utilizada para comunicar, colocando-a na natureza humana e no papel constituinte do sujeito. Flores (2019) aponta à noção de Benveniste sobre a essência da linguagem humana consistir no fato de que falamos à outros que falam — em situação de diálogo, encaminhando para a ideia benvenistiana de que é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo.

O sujeito da enunciação é cultural porque ele nasce e cresce numa sociedade particular. Por cultura, Benveniste entende um conjunto de valores, hábitos, prescrições e intervenções que vão reger os usos linguísticos e as relações humanas num grupo social. Além de cultural, esse sujeito também é dialógico ou alocucional, porque ele constitui e é constituído no diálogo e na alocução. Antes de convocar, ele é convocado pelo outro a enunciar-se, sendo a condição para a instauração desse sujeito.

Ainda sob a perspectiva antropológica, Flores (2019) concorda com os preceitos de Humboldt em 1982 ao afirmar que a língua é comum aos falantes, mas cada falante movimentava de maneira singular na sociedade. Claro que a questão sobre a influência das relações entre indivíduos e sociedade é antiga e filósofos e sociólogos já contribuem com as discussões há séculos, contudo, relegar o papel do sujeito da enunciação é deixar de lado a importância ao que foge do controle na linguagem. Acreditamos que seja essencial considerar o fato de que falar implica sempre o outro. Quando o locutor fala, ele se dirige ao alocutário, que se encontra imerso no mesmo sistema: a língua. Essa relação só é possível porque o homem está na linguagem colocando a língua em funcionamento através de sua fala, que é dirigida ao outro.

Portanto, pensar no sujeito da enunciação marcado pela peculiaridade atípica do TEA é circunscrever o lugar que o autista ocupa, se não na linguagem, afinal, os signos linguísticos encontram-se presentes no enunciado do autista — mesmo que de modo fragmentado —, tornando seu uso tão individual que foi capaz de caracterizar um transtorno. Por vezes, a singularidade da fala do autista exclui o interlocutor que não compreende o que é dito. Ora, a enunciação não se funda na compreensão, mas na subjetividade da linguagem.

Para Benveniste (2005), a linguagem existe porque cada locutor apresenta-se como sujeito, cada vez que toma a palavra e se dirige ao interlocutor. Na realidade dialética entre o *eu* e o *tu*, encontramos o fundamento da subjetividade. Essa perspectiva benvenistiana nos

impulsiona à relação estabelecida na aquisição de linguagem: em que há um que fala e outro que reconhece, aceita e valida o enunciado ainda que “incompleto” como fazendo parte da língua e eleva a criança à condição de sujeito. Tomar o sujeito como falante é fundamental, independentemente de como está se apresentando a fala.

Aquisição da linguagem e as relações fundantes da criança nas línguas

Em linhas gerais, a entrada da criança na língua dá-se na relação considerada intersubjetiva. O compromisso assumido pela perspectiva aquisicional enunciativa da linguagem movimenta dois olhares importantes para tentar explicar o fenômeno da aquisição: um voltado para o sujeito e o outro para a linguagem. Juntos remetem à singularidade do dizer da criança em oposição às regularidades que inexistem, mas atravessam teorias tradicionais sobre aquisição da linguagem que tentam mensurar e homogeneizar um processo que diz do e sobre o sujeito-criança (Silva, 2007, 2009, 2011, 2018).

A travessia na aquisição da linguagem deixa clara a relação da criança com sua língua sem que se priorize a forma, mas as mudanças que sujeito e linguagem sofrem no decorrer da aquisição. O sujeito da aquisição é linguístico e enunciativo, pois é pela língua que ele se constitui como sujeito em relação com outro e o mundo. No momento em que a criança começa a utilizar a linguagem, segundo Silva (2009), já está imersa em um mundo nomeado, mas que precisa ser recriado para que a criança possa mostrar sua posição de sujeito em um espaço e tempo definido; essa atividade de reconstrução é realizada a cada ato — a noção de sujeito da enunciação através da experiência de uma relação reversível entre o falante e o seu parceiro. Para ela, a língua provê os falantes de um sistema de referências pessoais, em que cada um se apropria pelo ato de linguagem, fazendo com que cada instância de seu emprego se torne único (Lorandi, 2008).

A condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística (Benveniste, 2005). As três instâncias da intersubjetividade envolvem: uma relação cultural entre os homens situados em uma dada cultura de uma dada sociedade; uma relação dialógica ou alocucional entre locutor e alocutário — estrutura dialógica —; uma relação linguístico-enunciativo entre formas que vão materializar a presença do locutor e alocutário (eu e tu). Essas instâncias da intersubjetividade são desdobradas por Silva (2009) em dois grupos que são as relações diádicas — entre dois termos — e as relações trinitárias — entre três termos — para explicar o fenômeno da aquisição da linguagem.

A primeira relação diádica fundante da criança na aquisição é a relação eu-tu que diz respeito à conjunção criança-outro, que em primeiro momento ela está muito colada ao outro e o que a psicanálise vai chamar de alienação. De acordo com Silva (2009), a criança vai formar no primeiro momento uma unidade constitutiva em que o “eu” e o “tu” são definidos por uma relação de conjunção; a criança depende do outro para enunciar e tornar-se sujeito de aquisição. Nessa relação, o outro toma o dizer da criança — ainda que irregular heterogênea em relação à língua constituída — como vinculador de sentido, significando as emissões da criança, antes mesmo de se poder reconhecer uma língua sistematizada.

Portanto, o que antes era irregular, torna-se regular pelo significado que o outro atribui das enunciações da criança; quando aquilo que é da ordem do singular, torna-se da ordem do geral, desde os primeiros momentos dela com a língua. O corpo todo da criança está engajado na enunciação — isso desde os primeiros momentos da relação dela com a língua e ao significar esses gestos e/ou vocalizações da criança —; o outro o concede o lugar de enunciação. É o papel fundante da intersubjetividade como condição da subjetividade. O “tu” presentifica na criança isso que ainda é ausente nela, a língua.

Na aquisição da língua em sua realização vocal/fônica, a criança em relações com o outro e com o mundo vivencia o simbólico da linguagem, o que lhe permite fazer abstrações — via manejos vocais das formas fônicas —, acerca da configuração do sistema linguístico a partir do reconhecimento do signo sob a espécie da palavra (Silva; Oliveira; Diedrich, 2020).

A segunda relação didática é a disjunção da criança-outro, o que a psicanálise chama de separação. A criança precisa se separar do outro para tornar-se sujeito; nessa relação, a criança começa “enunciar” ela própria, rompendo a unidade constitutiva eu-tu. Mesmo que embrionariamente, a criança se instância na enunciação — mesmo que por sons ainda não reconhecida como língua —, mas ela começa a engajar-se no seu dizer, sem mais estar na dependência do dizer do outro.

A terceira e última relação diádica proposta por Silva (2009) é a relação (eu-tu)/ele. As pessoas do discurso “eu” e “tu” se distinguem-se da não pessoa ‘ele’ por um imbricamento temporal, ou como diz Silva (2009) já que a intersubjetividade instaura pelo presente da enunciação, o discurso no mundo, produzindo, através deles, referências e sentidos na instância do discurso.

Na primeira relação trinitária (eu-tu/ele) importa a interdependência entre pessoa (eu e tu) e não-pessoa (ele); é a condição da conexão presença e ausência; é quando a língua brota com tudo na fala da criança. Essa nova tríade na relação enfatiza a distinção entre pessoa e não-

pessoa e acaba por possibilitar um espaço de simbolização, o que garante o laço social. Portanto, nos casos sintomáticos de atraso de aquisição e desenvolvimento de linguagem, o laço social está fragmentado; a criança com autismo tem dificuldade de simbolizar e estabelecer uma relação com outro e com o mundo. Essa relação trinitária é a chave da inscrição da criança na ordem da língua, pois ela ao conectar-se com o “ele” tem acesso a simbolização, que é a base das funções conceituais — formação dos conceitos, abstrações, narrativa, comparações, figuras de linguagem etc. —, o que abre todas as possibilidades a partir da língua enunciada, da língua em emprego.

As relações enunciativas e as instâncias de subjetividade resultam na ideia de duas alteridades, que para Silva (2009) é a alteridade com o outro da alocação (tu) e com o outro da cultura (Ele). Portanto, no quadro figurativo da enunciação — estrutura do diálogo — o “eu” e o “tu” designam o locutor e o alocutário; o “ele” a língua em ato; e o “Ele” representa a cultura. Embora o “Ele” não seja representado linguisticamente na linearidade do discurso, é constitutivo e fundante na relação da criança com o alocutário e com a língua.

Com todas essas instâncias de intersubjetividade, relações enunciativas e dupla alteridade forma-se o dispositivo (eu-tu/ele)-Ele, que reserva lugar para os alocutários — a língua e a cultura para instanciar-se na enunciação. Por fim, concordamos com Silva (2009) que a constituição do sujeito de linguagem ocorre pelas relações diádicas e trinitárias que possibilitam a criança reconhecer-se como locutor e ao outro como alocutário no diálogo, bem como atualiza seu discurso pela conversão do sentido em palavra — semiótico da língua.

A criança autista: um olhar sobre a morfossintaxe da linguagem

Nos distúrbios de linguagem — ou melhor, nas formas patológicas da linguagem —, as duas faculdades *reconhecer e compreender* estão frequentemente dissociadas (Benveniste, 2006). Considerando a clínica dos distúrbios de linguagem, acreditamos que haja um hiato que separa o semiótico e semântico. Partimos da questão de que os distúrbios de linguagem se caracterizam por uma dissociação peculiar da isomorfia forma-sentido. A quebra dessa isomorfia, nesses casos, tem uma particularidade, que está vinculada aos conceitos de reconhecimento e de compreensão das unidades da língua e eles são o lugar de possibilidade de uma subjetividade.

Portanto, na fala sintomática — independentemente do tipo de comprometimento do distúrbio de linguagem — é o uso da língua que está sob foco e refletem um problema de *reconhecimento* de signo ou uma dificuldade na *compreensão* da ideia ou ambos os aspectos estão comprometidos. Dentro desse momento no *setting* terapêutico, vemos a constante necessidade de o clínico construir sentido na busca da relação entre significado e significante. As pistas e vestígios nas falas dos pacientes estão em todos os lugares e pelos traços sonoros é uma pista, mas nem sempre decifrável.

Em cada momento em que a criança — com ou sem diagnóstico de TEA — se enuncia, há, inevitavelmente, a exposição da apropriação do sistema linguístico ao seu modo. Barros (2011b) considera que o sujeito se constitui na e pela linguagem. Concordamos com a autora que a criança se lança ao fazer uso da língua por meio da fala ou no uso de sinais, e firma sua presença, tornando-se efeito dela. Ainda nessa afirmativa, Barros (2011b) sugere que no autismo há um movimento de aprisionamento entre os eixos sintagmático e paradigmático: onde a língua estaria fixada ao eixo sintagmático (ecolalia), e por vezes, livre no eixo paradigmático (neologismos ou vocalizações aleatórias). Essa fixação em um dos eixos, segundo a autora, poderia corresponder ao comportamento do autista de aversão às mudanças — quebra de rotinas — sendo exposto na linguagem.

Entre os estudos que se interessam pelas questões do autismo, é consenso informar que há uma diversidade de sintomas na linguagem desses *infans*, dentre elas: o atraso na aquisição de linguagem; problemas na recepção e expressão — caracterizadas por omissões, substituições e distorções fonéticas —; ecolalia; utilização de holófrases; frases curtas; pausas e hesitações inapropriadas; frequentes interjeições etc. Os “erros” revelam que a performance linguística é governada por regras e que em muitos casos as regras gramaticais de uma língua restringem ou monitoram a produção real da fala e são investigados no intuito de mostrar a realidade fonológica das unidades e regras, além da relação entre competência e performance (Fromkin, 1971).

O lapso é definido como inovação linguística não intencional, porém, o interessante não é classificar, mas entender como “erros” podem lançar luz sobre unidades subjacentes ao desempenho linguístico e ao discurso. Existem unidades discretas em algum nível de desempenho que possa ser substituído, omitido, transposto ou adicionado. A língua tem uma ordem própria e a criança na aquisição vai vivenciar esses arranjos à sua maneira pra chegar a essa ordem própria da língua, na regularidade do sistema e na convencionalidade da relação com o outro, constituindo referência no discurso.

Para pensar na criança com TEA, entendemos que o acesso à cultura (Ele) e ao outro acontece de forma totalmente inusitado — muitas vezes pode ser por outra língua, que não a sua materna, pela música etc. Se a cultura só é acessada na relação com o outro, isso pode denotar quão singular é esse acesso no autismo. A ideia de que a língua pode ser abstraída pela criança revela-se na maneira de como a língua oferece uma infinidade de manejos de unidades já dadas — que já estão na língua, que são renovados e singulares —, o que vai caracterizar esse deslocamento entre língua e sistema e língua e discurso.

Não basta descrever o dado, mas explicar o que se passa no processo das mudanças e movimentos da criança na língua. Os fatos novos da criança fazem com que nos sintamos desafiados a desdobrar questões da teoria. Na tabela 1 a seguir, apresentaremos o recorte da cena enunciativa da criança, que chamaremos de Paulo, para observarmos os movimentos da constituição desse sujeito nas línguas e linguagem no nível morfossintático da língua portuguesa brasileira e europeia:

Tabela 1 – Recorte da cena enunciativa

Criança		Interlocutor	Cena Enunciativa
1	Um pôco tosssento	Oi, tudo bem Paulo?	Criança apresenta episódios de pigarro.
2	Ra-Ró-To, Rato. Eu estou a querer o rato.	Olha aqui Paulo! Eu quero?	A criança estava em casa brincando com a sua tia brasileira que veio visitá-la e sentadas ao redor da mesa, jogavam com imagens e palavras para ampliação da narrativa.
3	Eu quero falar a palavra rá tê ró.	Eu quero falar a palavra?	
4	Rato Rato	Ah o Rato Eu quero a palavra rato.	
5	Coluja cor lu ja	E agora? Eu quero a palavra?	
6	Cu tu txa Cutuxa molenguenta	Eu quero a palavra coruja	Criança faz expressão de nojo.
7	Ca to Miaaaau. Ca to	E agora? Eu quero? Você não disse “eu quero”	Tia retira a figura do campo de visão da criança. A criança aponta para a carta com a figura do gato.
8	Eu quelo, Acarrão quelo.	Isso! Muito bem.	Figura de macarrão.
9	Au- u- rá Quelo aurra	E agora Paulo? Eu? Hum, muito bem!	Figura de copo de água.
10	Acabou mano? Qué não! O que você está encontrando?	Estou procurando ainda.	A tia busca uma figura dentro do saco.

11	Cabô mano?	Paulo? Depois tu brinca, vamos ali.	Silêncio.
12	Oi, meu nome é Alemanha russiânica!	Esse é o oceano atlântico. Que país é esse?	A criança segue até o Mapa Mundi e aponta. A criança segura a figura do álbum da copa do mundo onde o jogador estava com a camisa da seleção alemã.
13	Vêdi	Vamos pra ali, depois tu brinca. Que cor é essa?	A tia levou a criança pelo braço até outra parte da sala para iniciar outra atividade.
14	Carra ni um nininu	Canta.	Criança canta e dança música de forró. Letra da música: Por causa de um menino.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Via ato de enunciação, o locutor e o alocutário estabelecem uma relação discursiva, na qual as estruturas fragmentadas têm um sentido para aquele que fala, mas nem sempre para aquele que a escuta, pois o interlocutor da criança se descola para o sentido gramatical do enunciado. Na tabela 1, observamos as instâncias da intersubjetividade: tem a criança e o outro numa *relação alocucional* ou *dialógica* entre a criança e o outro, visto que revezam os lugares de locutor e alocutário na materialidade do discurso, gerando referências e correferências a cerca de um tema estabelecendo comunicação intersubjetiva — a figura do animal apresentada à criança durante a terapia (Linha 5, I: E agora? / Paulo: Coluja).

Na linha 2, vemos o papel do interlocutor muito presente convocando a criança a entrar na cena enunciativa e a assumir seu lugar enunciativo (Olha aqui, Paulo!). Podemos também observar estruturas morfológicas ajustando-se em direção ao padrão linguístico esperado na fala do português europeu: “Eu estou a querer o rato”. Essa formação sintagmática é típica do português europeu que tende a conjugar utilizando “a” + verbo no infinitivo, quando no português brasileiro enuncia-se “eu quero o rato”. Contudo, a interlocutora argumenta em português brasileiro como forma de contestar a formação frasal utilizada fora do padrão que tinha em ambiente domiciliar.

Esse último grupo organiza-se no enunciado do outro: coruja – linha 6. Além do que é emitido pela criança, percebemos ambos mobilizando o vocal, atualizando a referência do discurso e significando as formas nas relações de interlocução. A relação linguístico-enunciativa entre a criança e o locutor é percebida pelas formas e funções linguísticas, estabelecendo laço cultural e dialógico entre o sujeito e o locutor na enunciação “Ca to. Miaaaaau. Ca to (linha 7)”. Portanto, reafirmamos concordar com Silva (2009), que a constituição do sujeito de linguagem realiza-se pelas relações diádicas e trinitárias, colocando a criança a reconhecer-se como locutor e reconhecendo o outro como alocutário na instância do diálogo.

Nas linhas 8 e 9, é possível perceber uma desorganização das estruturas morfossintáticas caracterizadas pela falta ou pelo excesso — *eu quelo, eu quelo, eu quelo a carrão; au- u- rá; quelo aurra* —, que não impedem a postura da criança em utilizar a língua e, assim, enunciar-se. Vemos também as pessoas do discurso numa relação de disjunção eu e tu; a criança não só é convocada pelo outro, mas ela também começa a implantar-se como locutor e sujeito de enunciação, sendo que resulta da troca com o outro (linha 10): *Acabou! Ana: Acabou mano? Qué não!*”. Ainda nessa linha, encontramos uma inversão temporal do sentido da pergunta. A criança pergunta com o verbo de resultado, prevê a resposta e antecipa-o nesse ímpeto de acelerar conteúdos, tal como no mundo virtual. Nessa subversão entre ação e resultado, podemos perceber um sujeito que revela-se na brevidade dos fatos. A tendência atual de simplificar fatos ou concluir rapidamente assuntos — tal como no mundo virtual que assistem em vídeos e jogos pelo celular — pode influenciar na ordem sintagmática da frase.

Contudo, sabemos que por trás de um dado aparentemente simples proliferam muitas questões entrelaçadas e é preciso ter um olhar para isso. Além disso, percebemos a influência cultural e social de outras realidades linguísticas na enunciação da criança na linha 10 ao falar “mano”. Essa é uma expressão típica dos falantes da região sudeste e adjacências. Contudo, percebemos uma crescente exposição ao gênero *vlog* onde *youtubers* comentam jogos virtuais infantis, tais como *Roblox*, *Starcraft*, *FIFA*, *Minecraft* etc.

A tendência do falante é associar o verbo ao valor de base, mas as unidades da língua não se mostram tão óbvias. Mas muito mais do que o hiato que há entre a forma e o sentido, é o que Benveniste vai colocar nas formas patológicas; há portanto, uma dissociação entre o semiótico e o semântico, mas é da ordem da linguagem e operar mais com a noção da linguagem na clínica que pode ter um efeito.

Na linha 12, “oi meu nome é Alemanha russiânica!” encontramos uma interessante subversão onde o neologismo “russiânica” é uma composição criada para adjetivar o país Alemanha, mas que leva o sufixo “ânica” da palavra enunciada pelo interlocutor “oceano atlântico”. Contudo, percebe-se que não é apenas uma repetição do dizer, mas há a flexão de gênero para concordar com “Alemanha”. Analisamos essa produção de acordo com o que Benveniste (2005, p. 66) afirma que o símbolo “não configura os dados das experiências, no sentido de que não há relação necessária entre a referência objetiva e a forma linguística”, ou seja, a língua não traz etiquetas ao mundo; ela cria e recria o mundo, evidenciando uma capacidade — humana — de dizer tudo.

Destacamos na linha 14 o trecho “*carra ni um nininu*” que cai no vazio e na inabilidade do outro em participar do movimento espontâneo em direção à aquisição da linguagem. O interlocutor dispensa a sua atenção para o padrão correto esperado na fala da criança. As vocalizações são rearranjadas em turnos de falas verbais e elas carregam consigo uma prosódia única que é tão significativa quanto qualquer palavra. Ora, toda troca intersubjetiva — seja por gestos, olhares, emissão vocal, expressões faciais ou postura corporal do locutor ao interlocutor — prioriza o conteúdo do que se deseja expressar. Marca-se aí, portanto, a condição de presença da criança na linguagem (Lazinik; Cohen, 2011).

O elemento vocal é integralizador das formas e das funções linguísticas na sintagmatização do discurso, que as reveste de sentido e atualiza na relação com o outro. Os arranjos vocais integralizam as formas e funções e têm uma força para estabelecer sentido nas relações sintáticas, que as crianças desde cedo mobilizam no seu discurso. O papel fundante da intersubjetividade em relação a subjetividade: o sujeito da linguagem propriamente constituído.

Considerações finais

Na perspectiva enunciativa de aquisição da linguagem percebemos a passagem de “falta” para “presença” expostas nas “falhas” no decorrer da relação entre a criança e a língua. Há um movimento da criança autista na linguagem marcado por alterações morfossintáticas, caracterizadas por subversões (linha 7 – *Acarrão quello*), supressões (linha 9 – *Qué não*) ou inversões morfológicas e sintáticas (linha 9 – *O que você está encontrando?*), repetição do dizer (linha 1 e 2 – *rá tê ró*), que denotam “agramaticalidade”, mas que revelam a singularidade do sujeito. É importante tomar o dizer da criança como uma produção e movimento de apropriação da criança, afastando a perspectiva patologizante, afinal, não se trata apenas de uma repetição, mas imprime sua marca numa ordem própria do movimento da sua linguagem da criança em ambiente bilíngue em processo de aprendizagem de língua portuguesa europeia.

Afinal, a perspectiva enunciativa benvenistiana permite que possamos entender essa travessia do silêncio à fala — seja em qual for a língua de identificação em que a criança se enuncie —, pois o sujeito constitui-se na particularidade da errância da língua. Portanto, compreender as distorções como algo singular da aquisição e desenvolvimento da linguagem do sujeito na(s) língua(s) é essencial para elevar os estudos sintomáticos ao nível descritivo linguístico, pois a repetição da fala do outro — consciente ou inconsciente, dirigido ou não ao

sujeito — revela muito as peculiaridades da linguagem do autista em qualquer ambiente linguístico que esteja.

É evidente a importância do “outro” no discurso, o que sugere que a posição do interlocutor é fundamental para que a criança autista enderece seu enunciado e movimente-se em direção à apropriação da língua materna ou de imersão, em uma tentativa de fuga ao eixo sintagmático e conflito na cadeia associativa. Temos uma sintaxe em clara constituição, embora não encontremos frases constituídas em termos de sintagmatização.

REFERÊNCIAS

- BARROS, I. B. R. Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação. **Distúrbio da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n.2, p. 227-232, 2011a.
- BARROS, I. B. R. **Da língua e sua relação com o autismo**: um estudo linguístico saussureano e benvenistiano sobre a posição do autista na linguagem. 2011. 73 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011b.
- BARROS, I. B. R.; NÓBREGA, M. Fonoaudiologia e sistema linguístico. In: MONTENEGRO, A. C. A.; BARROS, I. B. R.; AZEVEDO, N. a P. S. G. (org.). **Fonoaudiologia e linguística**: teoria e prática. Curitiba: Appris, 2016.
- BENVENISTE, È. **Problemas de linguística geral**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. v. 1.
- BENVENISTE, È. **Problemas de linguística geral**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006. v. 2.
- FLORES, V. N. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- FROMKIN, V. A. The non-anomalous nature of anomalous utterances. **Language**, [s. l.], v. 47, n. 1, p. 27-52, 1971.
- LAZNIK, M. C.; COHEN, D. **O bebê e seus intérpretes**: clínica e pesquisa. São Paulo, SP: Instituto Language, 2011.
- LORANDI, A. Aquisição da linguagem e enunciação: a apropriação da língua pela criança. **Letrônica**, Porto Alegre v. 1, n. 1, p. 133-147, dez. 2008.
- SILVA, C. L. C. **A criança na linguagem**: enunciação e aquisição. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- SILVA, C. L. C. Os movimentos enunciativos da criança na linguagem. **Revista da Abralin**, v. esp., p. 77-94, 2011.
- SILVA, C. L. C. A questão da unidade na forma e no sentido: implicações para os estudos textuais e gramaticais. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 380-39, 2018.
- SILVA, C. L. C. **A instauração da criança na linguagem**: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição de linguagem. 293 f. 2007. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SILVA, C. L. C.; OLIVEIRA, G. F.; DIEDRICH, M. S. A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem. **Fragmentum**, v. 56, p. 259-280, 2020.

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Sim, à minha orientadora de doutorado Profa. Dra. Isabela Barros por todo apoio e dedicação.
 - ☐ **Financiamento:** Sim, a FACEP, Fundo de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não.
 - ☐ **Aprovação ética:** O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa e passou pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Os termos de consentimento livre esclarecido assinados estão disponíveis quando necessários serem consultados após solicitação via e-mail ao autor.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** A autora é responsável pela construção da obra.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

